SURGIU UMA *NOVA CLASSE MÉDIA* ENTRE 2003 E 2010 NO BRASIL?

distintas interpretações teóricas sobre o período

William Sousa Vilanova[1]
Francisco Eduardo de Oliveira Cunha[2]
Juliano Vargas[3]

Resumo: O objetivo neste artigo é analisar a discussão sobre o processo de mobilidade social que ocorreu no Brasil entre 2003 e 2010, com foco no fenômeno conhecido como a *nova classe média*. A temática tem sido campo fértil para controvérsias acadêmicas, reverberando em um debate de poucas convergências. Nesta perspectiva, serão analisadas as interpretações teóricas de Marcelo Neri, Amaury Souza e Bolívar Lamounier, Marcio Pochmann e Jessé Souza. Conclui-se que o tema permite distintas leituras, todas legítimas como exercício intelectual. Certo é que no presente não há como sustentar a tese da *medianização*, já que o aumento do nível de consumo e a mobilidade social verificada entre 2003 e 2010 não se consolidou nos anos seguintes. O que ocorreu foi maior dinâmica na estrutura socioeconômica naquele período, sobretudo na base da pirâmide social que se notabilizou pela recomposição momentânea da classe trabalhadora em novas bases de consumo.

Palavras-chave: Classe média; Estrutura socioeconômica; Mobilidade social; Políticas Públicas.

Abstract: The objective in this article is to analyze the discussion about the process of social mobility that took place in Brazil between 2003 and 2010, focusing on the phenomenon known as the *new middle class*. The theme has been a fertile field for academic controversies, reverberating in a debate with few convergences. Thus, will be analyzed the theoretical interpretations of Marcelo Neri, Amaury Souza and Bolívar Lamounier, Marcio Pochmann and Jessé Souza. It is concluded that the theme allows different readings, all legitimate as an intellectual exercise. It is certain that at present there is no way to support the medianization thesis, since the increase in the level of consumption and social mobility verified between 2003 and 2010 was not consolidated in the following years. What happened was greater dynamics in the socioeconomic structure in that period, mainly at the base of the social pyramid which got notable for the momentary recomposition of the working class in new consumption bases.

Keywords: Middle class; Socioeconomic structure; Social mobility; Public policies.

[1] 1 Graduado em Economia e História pela UFPI. E-mail: williamsvilanovaeconomia@gmail.com
[2] Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela UFC. E-mail: eduoliveira@ufpi.edu.br
[3] Doutor em Ciências Econômicas pela UnB. E-mail: juliano.vargas@ufpi.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Debates sobre classes sociais permeiam as Ciências Econômicas desde seu surgimento como disciplina. A maneira como elas estruturalmente se comportam é fundamental para se compreender holisticamente as relações humanas. Devido à desigualdade social ser característica marcante e inerente ao processo de acumulação no sistema capitalista, a Economia em geral e, mais especificamente, a Economia Política, apresentam várias e conflitantes teorias sobre a repartição (funcional) da renda, ou seja, entre as rendas do capital e do trabalho.

Neste sentido, a expressão *nova classe média* tem sido alvo de análises nos planos acadêmico, político, jornalístico e outros. Em rigor, intelectuais brasileiros, tanto na área econômica quanto nas áreas sociológica, filosófica e da ciência política, possuem visões distintas (e, até mesmo, divergentes/opostas entre si) quanto à abordagem da emergência (ou não) deste estrato social no Brasil.

Assim sendo, neste artigo examina-se se houve a formação de uma nova classe média no Brasil entre 2003 e 2010 à luz das interpretações de alguns pensadores brasileiros contemporâneos. São eles: Marcelo Neri (2011, 2012), Amaury Souza e Bolívar Lamounier (2010), Marcio Pochmann (2012, 2014) e Jessé Souza (2009, 2012). Destarte, pretende-se desvelar alguns dos elementos determinantes que teriam contribuído para a constituição desse novo estrato social, oferecendo um enfoque original para este debate da literatura social e econômica.

Teoricamente, assume-se o pressuposto de que a noção de classe média não é unívoca, mas heterogênea, pois sua realidade e seu sentido se modificam ao longo das transformações que ocorrem no sistema capitalista.

Neste aspecto, a discussão sobre a mobilidade social é mais rica, multifacetada e com diferentes abordagens e vieses. Esta assunção será sustentada fundamentalmente por bibliografias provindas de fontes secundárias, uma vez que os argumentos desenvolvidos terão lastro em material já elaborado constituído essencialmente por livros e artigos correlatos ao tema. Para ilustrar empiricamente os argumentos levantados ao longo do texto, foram consultados dados oficiais de instituições brasileiras, tais como as do Ministério da Fazenda, do IPEADATA (compilados de outros órgãos do governo), do Tesouro Nacional, do Banco Central e do Centro de Pesquisas Sociais (CPS) da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Para além da introdução e das considerações o desenvolvimento deste artigo está estruturado em 4 subseções com as distintas visões dos principais estudiosos sobre a nova classe média no Brasil. Em decorrência disso, são contrastadas as visões das diferentes interpretações que norteiam esta pesquisa, examinando criticamente as mudanças que concorreram para o aumento da classe C e até que ponto houve (ou não) um processo de *medianização* na estrutura socioeconômica do Brasil.

2 DISTINTAS VISÕES E COMPREENSÕES ACERCA DA SUPOSTA NOVA CLASSE MÉDIA

Nesta seção serão examinadas interpretações acerca da suposta nova classe média pelas lentes de autorias brasileiras que se dedicaram ao estudo específico do tema. São elas, na ordem em que aparecem no texto: Marcelo Neri, Amaury Souza e Bolívar Lamounier, Marcio Pochmann e Jessé Souza.

2.1 **Neri**: uma caraterização estatística da suposta nova classe média

Segundo Neri (2011), o processo inicial da inserção na classe C esteve concatenado à queda acumulada na taxa da pobreza, tendo início com o debelar da inflação resultante do Plano Real (1994). Mas foi entre 2003 e 2010 que houve a ascensão socioeconômica de significativa parcela da população, marcada pelo aumento dos níveis de consumo. Em seu estudo sobre o que denominou de *Nova Classe Média Brasileira*, o economista afirmou que este segmento social é aquele que “aufere a renda média da sociedade, ou seja, é a classe média no sentido estatístico” (NERI, 2011, p. 83). Com base na renda domiciliar total de todas as fontes, ela estaria compreendida na faixa entre R$ 1.200,00 e R$ 5.174,00 (valores de 2011), situando-se entre os estratos de renda superior aos 50% acima dos mais pobres e abaixo dos 10% mais ricos.

Conforme Neri (2011), este movimento deveu-se à redução da desigualdade e pobreza entre 2003 e 2011 – quando cerca de 39,6 milhões de pessoas ingressaram na classe C. No final de 2010, o Brasil atingiu seu menor nível de desigualdade de renda, desde os registros iniciados em 1960. Em 2009, 50,45% da população brasileira pertencia a classe média, sendo que, em 2011, esse

número chegou a 55,05%. Essa ascensão social se deveu, sobretudo, ao fomento de um mercado interno de massas.

Neri (2011) mensurou sua formação com base na renda, considerada variável-chave para medir o nível de mobilidade social, produzindo efeito positivo sobre os mais pobres. Por exemplo, a classe C cresceu de 42% para 51% da população entre 2003 e 2008. Em sua conclusão otimista, Neri (2011, 2012) infere que os segmentos sociais tradicionalmente excluídos tiveram importantes ganhos em seus rendimentos na primeira década do século XXI. Para o autor, tais conquistas sociais são comparáveis à libertação da herança escravagista. Ou seja, para o economista supracitado as alterações ocorridas pirâmide social brasileira provocou um processo de "*medianização*" da sociedade brasileira.

Em se tratando de renda, uma das formas de definir as classes econômicas (A/B, C, D e E) é pelo potencial de consumo. A métrica da renda é fundamental para sua classificação. Logo, os estudos da renda são fundamentais para a definição de classe. Vale ainda ressaltar que o conceito de classe, neste caso, se refere à renda familiar e não individual; uma pessoa pertence (ou não) a uma família de classe média. Assim, o crescimento da participação da classe C exprime redução da desigualdade: "o que está por traz do resultado é que, além daqueles com a renda mais baixa terem se apropriado de uma maior parcela relativa da pizza (redução da desigualdade), a pizza aumentou de tamanho" (NERI, 2011, p. 81).

Para Neri (2011, p. 85), "houve uma verdadeira dança distributiva da população brasileira entre os diferentes estratos econômicos". Essa evolução se explica pelo crescimento econômico e pela redução da pobreza e desigualdade. Em sua análise, Neri (2012, p. 50) considera que o maior desafio do Brasil está em reduzir a desigualdade: "o elemento fundamental para traçarmos o futuro é o comportamento da desigualdade, a verdadeira jabuticaba brasileira" (2012, p. 50).

Neri afirma que se o país continuasse a manter um ritmo de crescimento econômico significativo continuadamente, acompanhado da redução da desigualdade social, caminharia para a consolidação da "*medianização*", o que significaria um salto qualitativo sem precedentes para o Brasil. O economista chegou a projetar que no ano de 2014 cerca de 118 milhões de pessoas iriam pertencer a classe C, caso a economia continuasse crescendo associada à redução contínua da desigualdade (NERI, 2012).

Todavia, a maneira como a classe média foi definida nas pesquisas de Neri vem sendo problematizada, questionada e sofrendo críticas de autorias com diferentes abordagens acadêmicas, como no caso de Amaury Souza e Bolívar

Lamounier, Marcio Pochmann e Jessé Souza. Nas seções seguintes serão tratadas as diferentes abordagens e as principais críticas a Neri (2011) e ao fenômeno da *nova classe média* no Brasil

2.2 **Souza e Lamounier**: uma contestação *weberiana* à análise de **Neri**

Na análise de Souza e Lamounier (2010), a ascensão socioeconômica foi um dos fenômenos mais importantes da história mundial recente. Nas nações emergentes ela deveu-se à prosperidade da economia mundial nos anos 2000 (anterior à crise de 2008-2009), a qual contribuiu para reduzir a desigualdade de renda e a pobreza em países como a China, a Índia e o Brasil, permitindo a mobilidade de grande contingente populacional chamado de “nova classe média”. Segundo Lamounier (2010) a ascensão da nova classe média foi um megaprocesso de mobilidade social onde 50% (80 milhões de pessoas) emergiram da pobreza.

Em sua obra intitulada *A classe média brasileira: ambições, valores e projetos*, Souza e Lamounier (2010) utilizam os mesmos grupos de renda domiciliar empregados por Neri, ou seja, eles não chegam a questionar estatisticamente a formação de uma nova classe média *per se*. Os autores assumem que a definição da categoria *classe média* é controversa, esclarecendo que inexiste uma significação unívoca que agrade a todos os estudiosos. Característica do estudo destes autores é o método de análise *weberiano* aplicado ao do perfil daqueles que ingressaram na classe C.

Esse método *weberiano* está pautado na utilização do substrato teórico do sociólogo alemão Max Weber (1999, p.199), que asseverava que “classe” é todo grupo de pessoas que se encontra em igual situação. De acordo com esta concepção, as classes sociais são os grupos de pessoas que, do ponto de vista de interesses específicos, têm a mesma posição no sistema econômico. Na combinação de termos “posição” e “interesses”, as posições devem ser consideradas como as mesmas se a vida daquelas que as ocupam é condicionada por forças análogas e influenciadas de modo semelhante por similares circunstâncias e oportunidades de vida no sistema econômico. Já um sistema de classes é uma estrutura social no qual este princípio rege a estratificação.

Neste prisma teórico, Souza e Lamounier (2010) desenvolvem linha de argumentação que analisa não só o puramente econômico (aspectos materiais ou objetivos da definição de classe social), incluindo a dimensão cultural e

valorativa na conceituação de classes sociais. O cerne da análise de Souza e Lamounier (2010, p. 4) é a sustentação deste processo de mobilidade social recente, já que questionam: “serão sustentáveis os índices de expansão da nova classe média?’’

Souza e Lamounier (2010) expõem o perfil da classe média, que prima por um conjunto de valores como a democracia, o empreendedorismo, as instituições públicas e o combate a corrupção. Portanto, o crescimento econômico e as políticas de distribuição de renda foram essenciais à ascensão da suposta nova classe média. Entretanto, a grande preocupação reside em manter-se nela, tendo como as maiores preocupações a perda do emprego, a liquidação do negócio próprio e a privação de renda.

Souza e Lamounier (2010), assumindo estes parâmetros estatísticos, mas partindo da aplicação sociológica da metodologia *weberiana*, questionam a sustentação e o sucesso desta mobilidade social ao longo do tempo. Para ambos, a nova classe média seria o resultado do encurtamento de distâncias sociais recentes em função das transformações econômicas. Não obstante, o que diferencia a nova classe média da tradicional é o fato da segunda ter se estabilizado e se encontrar mais fortemente enraizada em sua posição social. A primeira é um grupo emergente e vulnerável (em grande medida devido ao seu frágil capital social), podendo sua situação mudar abruptamente em um curto espaço de tempo

Analisando comparativamente as interpretações de Neri (2011) e Souza e Lamounier (20100, nota-se que o primeiro argumenta (mediante dados estatísticos) que o país passou por um processo de medianização em sua estrutural social. Conforme o economista da FGV (Fundação Getúlio Vargas), as políticas de transferência renda somadas as de valorização salarial permitiram a redução da extrema pobreza e o avanço – pela métrica exclusiva monetária – da classe C. Já Souza e Lamounier, assumindo estes parâmetros estatísticos, mas partindo da aplicação sociológica da metodologia *weberiana*, questionam a sustentação e o sucesso desta mobilidade social ao longo do tempo. Neste sentido, indagam sobre as reais expectativas de uma renda condizente com o padrão de vida da classe média. Para que este segmento social continue a realizar seu potencial de consumo, é necessário que gere determinado fluxo de renda ao longo de seu ciclo de vida, mas, mais do que isso, acompanhem e incorporem o estilo de vida da classe média tradicional. Neste aspecto, ao contrário de Neri, os dois autores trazem ao centro do debate novos elementos (objetivos e subjetivos) da caracterização desse grupo emergente. Por isso, os autores pontuam que não existe uma definição consensual sobre a “nova classe

média", mas enfatizam que apenas agregados estatísticos estreitam (são insuficientes para) qualquer tentativa de sua conceituação.

2.3 **Pochmann:** a ascensão de uma nova classe de *trabalhadores* (*de salário de base*)

Na perspectiva de Pochmann (2012, p. 30), é um equívoco considerar que as transformações ocorridas na estrutura social brasileira no primeiro decênio do século XXI permitiram o surgimento de uma nova classe média: "em conformidade com a literatura internacional, esse segmento social deveria ser considerado na categoria de *working poor* (trabalhadores pobres), pois se trata fundamentalmente de ocupados de base". De 2007 a 2012, houve evolução da ocupação na base da pirâmide, permitindo inédito padrão de mudança social no Brasil. Os bons indicadores estiveram associados às transformações na economia e nas políticas públicas (ativas), que acabaram por elevar o ritmo de crescimento econômico e a renda das famílias, bem como ampliar o mercado interno.

O que ocorreu com a implementação das políticas de transferência de renda e de valorização do salário mínimo foram maiores oportunidades de mobilidade social, mormente nos segmentos sociais de menor remuneração, pouco afetando os segmentos tradicionais da classe média. Ademais, tais políticas impactaram significativamente na redução da pobreza. O aumento real da renda do trabalho, em especial nas ocupações que exigiam menor qualificação, além de trazer alterações no padrão de consumo e na estrutura produtiva, também colaborou para o círculo virtuoso de dinamismo dos mercados interno e laboral (POCHMANN, 2014).

Após duas décadas (anos 1980 e 1990) de prevalência da semiestagnação econômica com regressos sociais, verificou-se a expansão das ocupações na base da pirâmide social, por intermédio da concentração do saldo líquido dos empregos para os trabalhadores de salário de base. Isso alterou o perfil distributivo no país, indicando desconcentração da renda das famílias. Essa trajetória permitiu a inclusão da classe trabalhadora em novo padrão de consumo, pelo acesso a bens tecnológicos e informacionais (computador pessoal, *tablet*, telefone celular, *etc*.) e culturais (livros, teatro, cinema e congêneres) (POCHMANN, 2014).

Não se pode considerar que um contingente da classe trabalhadora brasileira que ascendeu economicamente com uma remuneração média de até 1,5 salário

mínimo possa ser denominado de classe média. Na verdade, o que houve foi uma ampliação ou incorporação de uma massa trabalhadora no mercado de trabalho, o que contribuiu para diminuição da pobreza e aumento do consumo das famílias, mas isso não significa dizer que houve a formação de uma nova classe média (POCHMANN, 2012).

Segundo Pochmann, a classe média seria a expressão da própria burguesia. A classe média, que ascendeu na fase do capitalismo pós-industrial, está associada ao desenvolvimento dos serviços urbanos, portadores da autogestão no interior do próprio trabalho. Assim, a classe média seria composta por segmentos sociais constituídos de trabalhadores intelectuais com interesses materiais e perspectivas ideológicas comuns (POCHMANN, 2014).

A ideia de nova classe média foi criada artificialmente para fins de que um grupo de trabalhadores, incluídos pro meio de empregos, fossem orientados política e economicamente. A interpretação de classe média (nova) resulta, em consequência, no apelo a reorientação das políticas públicas à perspectiva fundamentalmente mercantil (POCHMNANN, 2012). Essa ilusão de pertencimento á classe média deu-se pela lógica do consumo, que é limitada via análise mais aprofundada da qualidade de vida das pessoas.

Pochmann (2012, p. 20) considera que, mesmo com os avanços sociais, não teve alargamento da classe média, mas sim engrossamento da classe trabalhadora. O que houve foi a incorporação de milhares de pessoas ao nível ocupacional inferior da pirâmide social brasileira. Para Pochmann (2012), as mudanças ocorridas na pirâmide social não significaram a “medianização” da sociedade brasileira.

A suposta nova classe média corresponde a uma parcela da população que abandonou a pobreza, mas encontra-se circunscrita a um padrão de vida limitada pelas precariedades das ocupações, da variabilidade da renda, da escassez da propriedade e da pouca acessibilidade aos serviços públicos. Portanto, o que Neri (2011) chama de nova classe média, Pochmann (2012) entende como nova classe trabalhadora (de salários de base). Enquanto Neri defende concepção otimista de *medianização* da estrutura social brasileira, Pochmann atesta a inserção laboral de um grande contingente de trabalhadores ligados sobretudo ao setor de serviços – geralmente de baixas qualificação e remuneração.

Considerando as interpretações de Pochmann (2012, 2014) com as de Neri fica evidente que há pontos de divergência. O que Nerí (2011) chama de nova classe média, Pochmann entende como nova classe trabalhadora (de salário de base). Enquanto Neri tem uma concepção otimista de medianização da estrutura social

brasileira, Pochmann atesta a inserção laboral de um grupo de contingente de trabalhadores ligados sobretudo ao setor de serviços – geralmente de baixas qualificações. Comparando as análises de Pochmann (2012,2014) com as de Souza e Lamounier, percebe-se que ambas concordam que a emergência deste (novo) segmento social seria resultado, em larga medida, do sucesso das políticas econômicas e sociais implementadas entre 2003 e 2010. Contudo, estes últimos se preocupam com a sustentação destes emergentes, o primeiro considera que ela nunca chegou a existir, mas sim engrossou a classe trabalhadora. Assim, conforme o economista da Unicamp, a ideia de ascensão de uma suposta nova classe média no país estaria impregnada de ideologia, sendo um discurso propagandístico e de voluntarismo teórico (POCHMANN, 2012, 2014).

Na realidade, mesmo com a incorporação social dos segmentos sociais menos favorecidos, a desigualdade social seguiu abissal. A riqueza acumulada dos hiper-ricos subiu 7,1 vezes entre 2000 a 2014, sendo que o país ocupava a sétima posição global na hierarquia de concentração de milionários (em US$ de 2014) (POCHMANN, 2015). Consoante ao economista da Unicamp, a ideia de ascensão de uma suposta classe média no país é falsa e estaria impregnada de ideologia, sendo um discurso propagandístico e de voluntarismo teórico (POCHMANN, 202, 2014)

2.4 **Jessé Sousa**: nova classe média ou nova classe de batalhadores brasileiros

Outra lente interpretativa sobre o tema em pauta é a do sociólogo Jessé Souza. Com o auxílio de colaboradores, o autor realizou amplo estudo qualitativo para compreender quem eram os indivíduos que, naquele momento, vinham sendo tratados como integrantes da suposta nova classe média. O resultado foi a obra publicada em 2012, intitulada Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?

Seguindo uma abordagem sócio-antropológica inspirada em Pierre Bourdieu, o autor defende que não houve ascensão de uma nova classe média no Brasil no início deste século XXI, mas o aparecimento de uma nova classe trabalhadora que ele denomina de “batalhadores”. A concepção de uma nova classe média emergiu da explanação falaciosa e triunfalista que escondeu as contradições e ambivalências da vida desses batalhadores brasileiros, ao veicular que a

sociedade brasileira estaria caminhando rumo ao rol dos países desenvolvidos. Portanto, é equivocado considerar que país passou por tal processo de ascensão, já que, ao assumir isso, seria como "dizer, na verdade, que o Brasil finalmente está se tornando uma Alemanha, uma França ou uns Estados Unidos" (SOUZA, 2012, p. 20).

O discurso em prol de uma nova classe média é enganoso, pois diz respeito à dominação ideológica e simbólica. O sociólogo aceita que ocorreu certa mobilidade social, pois trinta milhões de brasileiros adentraram ao mercado de consumo, mas julga terem interpretado esta informação de modo distorcido. O problema estaria na visão da realidade brasileira, tanto no espectro político da direita quanto da esquerda. O autor assume que não se pode ter uma visão economicista, afirmando que a distinção social está relacionada ao acesso aos bens materiais (capital econômico) e imateriais (capital cultural – valores, gosto, educação e estilo). As classes sociais que possuem acesso a esses bens e recursos escassos tradicionalmente os monopolizam (SOUZA, 2012).

Partindo do referencial da classe média tradicional, o sociólogo assume que ela dispõe de uma característica peculiar e vantajosa: a origem familiar estruturada (uma espécie de "capital familiar") por meio da qual lhe teriam sido transmitidos valores ligados ao mundo laboral – uma "ética de trabalho" que as informaria sobre a importância de ser "esforçado", amalgamando suas preocupações em torno de manter a harmonia familiar e garantir um bom futuro (desejável enquanto classe) para os filhos. Souza (2012) critica a concepção de uma nova classe média também por tal grupo não nutrir "capital cultural" ou estilo de vida parecido à tradicional. Assim, estranha que, por exemplo, não mude de bairro quando ascende economicamente. Tratando-se de uma classe comunitária e não individualista nas escolhas, ela tem opções e gostos diferentes.

Com efeito, no espectro político da direita, o problema reside no fato do neoliberalismo economicista assumir que existem classes e negar, ao mesmo tempo, a sua existência por vinculá-la exclusivamente à renda. É isso que faz os liberais dizerem que os "batalhadores" são classe média por serem de um estrato com relativo poder de consumo. O autor também questiona a esquerda política quando afirma que o "marxismo enrijecido não percebe as novas realidades de classe porque as vinculam ao lugar econômico na produção e, existe engano mais importante e decisivo ainda, no sentido de que a 'consciência de classe' seria produto desse lugar econômico" (SOUZA, 2012, p. 22). Assim, sua abordagem faz crítica tanto ao liberalismo quanto ao marxismo, pois, nenhum dos dois percebem a gênese sociocultural das classes, ou seja, desconsideram que os indivíduos são produzidos por culturas de classe específicas.

Uma real classe média, além de deter o capital econômico-financeiro, possui o capital cultural, com que a transferência de "valores imateriais" na reprodução das classes sociais é elemento distintivo dentre os estratos sociais. A "herança imaterial", ou seja, o estilo de vida (o capital cultural) é o fundamento de distinção social que permite a manutenção do status quo – invisível para a visão economicista (SOUZA, 2012). Sendo assim, classe média, neste sentido específico, seria a incorporação de um *habitus* no sentido expresso por Bourdieu (2015).

Nesse contexto, na sua maioria os trabalhadores "batalhadores" são desprovidos de capital cultural, sendo um grupo composto por pessoas que a compensam com longos períodos laborais. O discurso de caráter propagandístico da emergência de uma suposta nova classe média escamoteia a realidade social, com opacidade do real processo de sua formação. Isto porque a herança imaterial da classe média tradicional é invisível para a visão economicista dominante (seja liberal, seja marxista).

Souza (2012, p. 327) considera que esta nova classe trabalhadora, embora não pudesse se desvincular das preocupações com o futuro, podia voltar suas alterações a temas como lazer e autoconhecimento. Ao autor sugere um acréscimo de autoestima como resultado do processo pelo qual essas pessoas passaram, seja pela ascensão social, seja pela melhoria circunstancial de vida: "essa classe se representa [...] como movida por outras preocupações que nada teriam a ver com classe social". Para o autor, a "ralé" se reproduz como mero "corpo" incapaz, portanto, de atender às demandas cada vez mais competitivas do mercado baseado no conhecimento: "a ralé é refém do 'presente eterno', do incerto pão de cada dia, e dos problemas que não podem ser adiados" (SOUZA, 2009, p. 52).

Portanto, para Souza (2012), de forma alguma ocorreu a conformação de uma nova classe média. Este autor discorda da visão de Neri (2011, 2012), haja vista que para aquele o estilo de vida e o capital cultural são os elementos fundamentais para a parametrização e o entendimento dos estratos sociais. Estas não podem ser definidas apenas pela renda e pelo padrão de consumo, mas sobretudo por sua "visão de mundo", comportamento social, gostos individuais e sua herança imaterial. Logo, a transferência destes "valores imateriais" é um elemento de diferenciação entre os estratos sociais.

Souza (2012) diferencia-se das interpretações de Souza e Lamounier (2010), já que os últimos assumem que a nova classe média resultou do encurtamento das distâncias sociais em função das transformações econômicas ocorridas nos anos 2000. Por sua vez, Jessé Souza, utilizando-se do arcabouço teórico de

Bourdieu (2015) - *vide* o *habitus* -, não concorda com a análise que defende sua emergência, ao concluir que contar ou não com o chamado "capital cultural" é um dos principais delimitadores de quem pertence (ou não) a classe média.

Souza (2012) concorda com Pochmann (2012, 2014) que na primeira década do século XXI houve a formação de uma classe trabalhadora ligada ao setor terciário, fruto de políticas públicas ativas e cenário externo favorável. O que os diferencia é que o primeiro traz o elemento sociológico do acesso (ou não) ao "capital cultural" ao debate, enquanto o segundo olha o tema por um prisma mais assentado na Economia. O quadro 1 sintetiza o posicionamento das autorias quanto ao processo de *medianização* (ou não) ocorrido entre 2003 e 2010 no Brasil.

Quadro 1 – Posicionamento resumido das autorias selecionadas sobre se houve (ou não) um processo de *medianização* entre 2003 e 2010 no Brasil

Autoria(s) e ano da(s) obra(s)	Área(s) de formação	Conceito de classe média	Surgiu uma nova classe média?	Por quê?
Marcelo Neri (2011, 2012)	Economia	Estatístico e econômico, com base na renda domiciliar total de todas as fontes.	Sim	Os efeitos das políticas econômicas modificaram substancialmente a estrutura social brasileira, provocando expressiva migração de pessoas das classes D e E para a classe C, que passou a representar 55,05% da população em 2011.
Amaury Souza e Bolívar Lamounier (2010)	Sociologia e Ciência Política	Não reside no debate macroeconômico, mas nos fatores *weberianos*, relativos à motivação, autocapacitação e formação de valores sociopolíticos.	Sim	Houve um megaprocesso de mobilidade social, via ascensão à classe C. Mas não há garantia de sustentabilidade deste processo. A nova classe média tem frágil capital social em relação à tradicional (que a tem enraizada).
Marcio Pochmann (2012, 2014)	Economia	Expressão da própria burguesia. Está relacionada ao desenvolvimento de serviços urbanos e é composta de segmentos ligados a trabalhos intelectualizados.	Não	O que surgiu foi uma nova classe trabalhadora, sobretudo, de trabalhadores de salários de base que passaram a ter acesso ao consumo de bens antes restritos. Os avanços nas políticas socioeconômicas permitiram a incorporação de milhares de pessoas ao nível

				inferior ocupacional da pirâmide social.
Jessé Souza (2009, 2012)	Sociologia	Pela lente sócio-antropológica inspirada em Pierre Bourdieu, é a que detém, além do capital econômico, o capital cultural (herança imaterial), este incorporado de um "*habitus*".	Não	Houve a ascensão de uma nova classe trabalhadora, os batalhadores. Esse segmento social se sujeita a jornadas de trabalho extensas e intensas, com o objetivo de sair da situação de (extrema) pobreza e da incerteza em relação ao atendimento de suas demandas cada vez mais competitivas no mercado.

Fonte: elaboração própria.

3 CONCLUSÃO

O objetivo central neste artigo foi investigar a formação de uma nova classe média no Brasil à luz das interpretações e abordagens de autorias contemporâneas que têm se debruçado sobre o tema. Mais especificamente, foram examinados os escritos de Marcelo Neri (2011), Amaury Souza e Bolívar Lamounier (2010), Marcio Pochmann (2012, 2014) e Jessé Souza (2009, 2012)

Com a implantação de políticas diretas e indiretas de transferência/geração de renda e de valorização do salário mínimo, a economia brasileira retomou o crescimento, promovendo melhoria significativa no padrão de vida de boa parcela da população, mormente pertencente as classes D e E. Foi neste contexto histórico geral e o sue impacto positivo na base da pirâmide nos anos 2000 que deram ensejo a investigação deste artigo, ora seja, verificar o surgimento (ou não) de uma suposta *nova classe média* (*medianização*). Para tal desiderato, foram utilizadas as lentes teóricas dos pesquisadores citados acima acerca deste objeto de estudo.

A ascensão social brasileira concentrou-se fundamentalmente na base da pirâmide social, especialmente nas ocupações com remunerações próximas ao salário mínimo. Isto posto, a ideia de ascensão de uma nova classe média no Brasil parece descolada da realidade, pois o que de fato ocorreu foi a incorporação social dos segmentos sociais menos favorecidos, por meio do crescimento do emprego formal e da valorização do salário mínimo. Um dos principais aspecto decorrentes da valorização salarial foi o acesso a bens e serviços que antes eram restritos aos segmentos sociais privilegiados, volvendo

no crescimento significativo do consumo das famílias. Sendo assim, é discutível a emergência de uma nova classe C.

Certo é que não houve sustentação da *medianização*, já que o aumento do consumo e a maneira como se deu a mobilidade não se consolidou nos anos seguintes – *vide* os retrocessos qualitativos e quantitativos nas condições de vida e de trabalho desde pelo menos 2016 até o momento em que se finda esta investigação. Assim, o estudo das classes sociais tem papel significativo nas Ciências Econômicas (em especial, na Economia Política), mormente na estrutural social desigual brasileira, replicada (com diferentes contornos) a cada geração.

REFERÊNCIAS

BOURDEIU, Pierre. **A Distinção**: crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk, 2015.

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Síntese de Indicadores Sociais.** Uma análise das condições de vida da população brasileira 2019. Brasília: IBGE, 2019. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv 101678.pdf>. Acesso em: 31 de abril de 2021.

LAMOUNIER, Bolívar. A Nova Classe Média. **RAE Publicações** (FGV), GV-Executivo, v. 9, jul-dez. 2010, p.8-12.

NERI, Marcelo Côrtes. **A nova classe média**: o lado brilhante da base da pirâmide. São Paulo: Saraiva, 2011.

NERI, Marcelo Côrtes. **De volta ao país do futuro**: crise europeia, projeções e a nova classe média. Rio de Janeiro: FGV/CPS, 2012.

POCHMANN, Marcio**. Nova classe média?** O trabalho na base da pirâmide social brasileira. São Paulo: Boitempo, 2012.

.POCHMANN, Marcio. **O mito da grande classe média**: capitalismo e estrutura social. São Paulo: Boitempo, 2014.

SOUZA, Amaury de; LAMOUNIER, Bolívar. ***A Classe Média Brasileira*:** ambições, valores e projetos da sociedade. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

SOUZA, Jessé**. *A ralé brasileira*:** quem é e como vive. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

SOUZA, Jessé. ***Os batalhadores brasileiros*:** nova classe média ou nova classe trabalhadora? Belo Horizonte: UFMG, 2012.

WEBER, Max [1920]. ***Economia e Sociedade*:** fundamentos da Sociologia compreensiva. v. 1. Brasília: Editora UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado São Paulo, 1999.